

AQUELE QUE DIZEM QUE MATOU: O ACONTECIMENTO, O ESTRANHAMENTO E O DESVELAR DOS ESPAÇOS SOCIAIS DE UMA COMUNIDADE PANTANEIRA

Andhressa Heloiza Sawaris Barboza, Sueli Pereira Castro

RESUMO

O impulso à realização deste trabalho foi, primeiramente, o estranhamento diante do universo pesquisado, a comunidade de São Pedro de Joselândia, aproximadamente 170 km de Cuiabá, distrito de Joselândia, município de Barão de Melgaço – Mato Grosso, localizada entre dois importantes rios do Pantanal: Rio Cuiabá e Rio São Lourenço. As comunidades que compõem o distrito (São Pedro, Mocambo, Pimenteira, Retiro São Bento, Colônia Santa Izabel, Capoeirinha e Lagoa do Algodão) são interligadas não somente pela definição geográfica, mas também por uma rede de parentesco (consanguinidade, afinidade e compadrio), que nos permite referenciá-la como campesina, tendo a família e a terra como eixos axiais de seu modo de vida. Na primeira inserção em campo estava ocorrendo a Pareia Pantaneira, uma corrida de cavalos que acontece uma vez ao ano durante o feriado de Independência Nacional. Na Pareia aparecem ainda mais expressivamente elementos de uma sociabilidade agonística. O que no cotidiano pode estar velado, no evento ganha uma dimensão expressiva. Foi durante a primeira viagem de campo, no evento da Pareia, que conheci Manoel Gonçalo Amorim, pouco antes de ele ser assassinado naquele mesmo dia. Os primeiros estranhamentos se seguiram nos anos seguintes ao acontecimento, diante das expressões usadas na comunidade para falar sobre o assassinato acima citado: “aquele que dizem que matou”, ou, “foi um suicídio”. Os códigos acionados por estes agentes sociais que dão significado ao assassinato constituem o objeto de uma etnografia, da qual apresentamos aqui alguns elementos significativos.

Palavras-chave: Assassinato; Honra; Campesinato; Pareia Pantaneira; Pantanal Mato-Grossense.

WHO THEY SAY HAS KILLED: THE EVENT, THE STRANGENESS AND THE UNVEILING OF SOCIAL AREAS OF A PANTANAL'S COMMUNITY

ABSTRACT

The impetus for this work was, firstly, the strangeness facing the universe surveyed, the community of São Pedro de Joselândia (distant 170 km from Cuiabá, Joselândia District, municipality of Barão de Melgaço, Mato Grosso State, Brazil) located between two important rivers in Pantanal: Cuiabá River and São Lourenço River. The communities that make up the District (São Pedro, Mocambo, Pimenteira, Retiro São Bento, Colônia Santa Izabel, Capoeirinha and Lagoa de Algodão) are linked not only by geographical definition, but also by a kinship network (consanguinity, affinity and crony relationships) that allows us to refer to it as a peasant community, with the family and the land as axis of its way of life. The first visit we did in the fieldwork, it was happening the Pareia Pantaneira, a horse race that takes place once a year during the holiday of Brazilian National Independence. At Pareia, elements of an agonistic sociability appear even more significantly than during the community's daily life. What can be hidden during the most part of time, in that event gains a significant dimension. It was during the first working trip to the Pareia event that I met Manuel Gonçalo Amorim, who had been shortly murdered that same day. The strangeness had continued in listening to community's interpretations of those involved in the cited murder: “who they say has killed” or “it was a suicide”. The codes triggered by these social agents that give meaning to that murder are object of an ethnography from which we present here some results.

Keywords: Murder; Honor; Peasantry; Pareia Pantaneira; Pantanal.

Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso (ECCO-UFMT). E-mail: andhressabarboza@gmail.com.

Doutora em Ciências Sociais. Professora da Universidade Federal do Mato Grosso. E-mail: suelipcastro@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Uma hora antes de sua morte, Manoel Gonçalo me foi apresentado. Chegamos à comunidade de São Pedro, no distrito de Josélândia, município de Barão de Melgaço (Mato Grosso, na região do Pantanal Norte), na tarde do dia 5 de setembro de 2009. Era minha primeira incursão em campo e tinha em mente conhecer o *locus* e definir qual seria meu objeto de pesquisa que, enquanto aluna de iniciação científica, estava inserido no âmbito de um projeto maior: Representações sociais, *habitus* e experiências do “mundo da vida” das populações tradicionais, desenvolvido no contexto do Programa de Estudos Ecológicos e Longa Duração (PELD) – Pantanal Norte.¹ Vinculada ao projeto, fui a campo para conhecer as famílias locais e ver as possibilidades de estudar as transmissões de herança transgeracional da terra, enquanto patrimônio familiar, uma vez que família e terra constituem eixo axial que permitem a reprodução do modo de vida camponês.

A ida a campo se deu no momento da ocorrência de um grande evento na comunidade, a Pareia Pantaneira, uma corrida de cavalos que acontece uma vez ao ano, no período do feriado de Independência Nacional. A Pareia acontece ao longo de três dias, e à noite tem o baile além da venda de bebida e comida nas barracas. Após nos acomodarmos, no final da tarde deste dia, fomos para o local onde seria realizado o evento.

Manoel Gonçalo da Rosa Amorim se apresentou pelo apelido “Nêgo”, contou que era um dos jóqueis e que iria correr com um cavalo de sua família. Nascido em São Pedro, tinha 20 anos, aproximadamente 1,60 metros de altura e magro: características ideais para um jóquei profissional. Era esta a carreira que Manoel queria seguir e contou que, na semana

seguinte, iria para o interior de São Paulo participar de uma corrida profissional e em Cuiabá já estava participando do Jóquei Clube. Às 22 horas nos despedimos e combinamos que, no dia seguinte (6 de julho de 2009), ele me daria uma entrevista sobre a Pareia e seu trabalho no Jóquei Clube. Às 23 horas ele foi assassinado. Fato que só tomamos conhecimento na manhã seguinte.

A vivência deste fato, a morte, modificou toda a estrutura do evento e mesmo a atividade dos pesquisadores, mas é somente no retorno ao campo que o evento começa a provocar o estranhamento. Nesse sentido, foi na segunda viagem a campo, em setembro de 2010, que percebi alguns “estranhamentos” no contexto do meu repertório de pesquisadora, meu universo cultural e aquele universo que buscava compreender, o do campesinato. A morte passa a fazer parte do caderno de campo, mas ainda de forma secundária, pois o objeto de pesquisa era a família.

Novamente na comunidade no período da Pareia, revi alguns que conheci na primeira viagem e conheci outros e sempre o assunto recorrente era o assassinato. O que chamou a atenção era que ninguém procurava descrever a cena ou a ordem dos fatos que circundavam a morte, no máximo uma explicação sucinta: a irmã de Manoel Gonçalo teria reclamado aos irmãos que alguém a “tocou” enquanto dançava, e que os irmãos deveriam “defender sua honra ou ela iria usar as calças deles e eles usarem sua saia”. Assim, teve início a briga que levou à morte do rapaz. Esta fala foi importante, pois a irmã aciona códigos de comportamento e abre um pouco a cortina de elementos fundamentais para a compreensão daquele universo: o desafio à honra, a família e as diferenças de gênero.

Os discursos sobre o assunto surgiam de forma espontânea, sem que eu interrogasse sobre a morte. Percebi certa resistência por parte

1 O objetivo deste projeto maior era caracterizar os processos e representações sociais que orientam e definem as formas de uso e a conservação da diversidade biológica, em diferentes temporalidades, das populações tradicionais – ribeirinha e camponesa – que habitam a área da RPPN-SESC Pantanal (Pantanal Norte Mato-grossense) e/ou seu entorno (Barão de Melgaço e Poconé). Naquela viagem estávamos em uma equipe multidisciplinar: o professor Carlos Castro, do departamento de Ciência Econômica da Universidade Federal de Mato Grosso, sua orientanda, Ana Gonçalves e agrônomos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

dos meus interlocutores em admitir quem era responsável pela morte, ou melhor, quem era o assassino. Ao invés de nomear os envolvidos, a referência era “o rapaz que dizem que matou”. Quanto à “vítima”, “era o mais calmo da família” ou “foi defender o irmão e o pai” e até mesmo “foi um verdadeiro suicídio”.

O meu estranhamento com tais falas, passa a fazer parte do caderno de campo. A partir disso, é este estranhamento que vai implicar nos códigos que foram acionados para compreender e desvelar o evento. Mais uma vez a honra da família aparecia como elemento definidor de espaços, os quais era preciso compreender. E aparece ainda o desafio de que os agentes sociais se veem em uma situação na qual é preciso agir de determinada forma para “defender a honra”. Há uma homogeneidade nas falas e discursos no sentido de justificar a morte. Diante de tais colocações, era preciso compreender a lógica que opera as condições de produção daqueles discursos. Ou seja, quais os processos de significação, na esfera dos campos sociais (a economia, a política e a cultura), que possibilitaram àqueles agentes sociais darem significado ao fato. Quais os códigos acionados e como aquelas falas, aqueles discursos são performados dentro de uma cosmologia e um conjunto de valores e normas.

O *locus* investigativo é a sede do distrito de Joselândia, pertencente ao município de Barão de Melgaço – MT, constituído pelas comunidades: Mocambo, Pimenteira, Retiro São Bento, Colônia Santa Izabel, Capoeirinha, Lagoa do Algodão e a sede São Pedro. O povoado pantaneiro de Joselândia possui uma territorialidade própria em áreas tradicionalmente ocupadas onde, ao longo do tempo, se constitui uma forma de existência coletiva destes grupos sociais e suas relações com os recursos da natureza. No universo campesino as relações entre as famílias e a terra se dão a partir de hierarquias onde a honra é um elemento constitutivo. De tal modo, as relações en-

tre terra e família são fundamentais para compreender o objeto de pesquisa.²

1. DO ACONTECIMENTO: O ASSASSINATO E OS ENVOLVIDOS

A noção de acontecimento é uma singularidade única e aguda, no lugar e no momento da sua produção, a qual possibilita manter presente o acontecimento e impedir que ele seja disperso no tempo, por isso é a manutenção de uma memória, como nos mostra Foucault (1997, p.111), ao indicar que o acontecimento trata de “manter presente e guardar no espírito como aquilo que deve ser pensado” é a “questão mesma do acontecimento e do seu sentido” – a “questão da historicidade do pensamento” “manter presente e guardar no espírito como aquilo que deve ser pensado” é a “questão mesma do acontecimento e do seu sentido” – a “questão da historicidade do pensamento”. Um exemplo dado por Foucault (1984) é a Revolução Francesa. Esta seria um acontecimento, pois não se configura como um “passado simplesmente dado” e sim que deve ser mantido presente como aquilo que deve ser pensado, atualizado. Enquanto memória, o acontecimento é reinscrito, reativado e não estagnado e imóvel, ele é historicizado nos discursos.

O assassinato de Manoel Gonçalo da Rosa Amorim para o grupo estudado, São Pedro de Joselândia (o cenário), durante o evento da Pareia Pantaneira é um acontecimento que marca a memória da comunidade de São Pedro de Joselândia. O que motivou, ou impulsionou, este trabalho foi o meu estranhamento diante das interpretações que vieram da comunidade sobre os envolvidos, “*aquele que dizem que matou*” ou “*foi um suicídio*”. Ainda me motivou a observação de que o assassinato modifica o evento da Pareia Pantaneira e introduz novas preocupações àqueles agentes sociais. Para compreender de onde vinham essas falas foi necessário fazer o caminho inverso:

2 Este artigo se apoia no conteúdo do terceiro capítulo do trabalho monográfico (Barboza, 2014) apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais ICHS/UFMT Cuiabá, sob orientação da professora doutora Sueli Pereira Castro.

a imersão no cenário (a comunidade), a imersão no evento (a Pareia Pantaneira) para enfim, desvelar o que motivava aqueles discursos e qual a lógica á qual estavam inseridos. Falo caminho inverso, pois antes mesmo do trabalho de campo começar, logo na primeira entrevista marcada, o informante foi assassinado.

No dia 5 de setembro de 2009, conheci Manoel Gonçalo da Rosa Amorim, ele se apresentou pelo apelido *Nego*, conversamos um pouco ele me contou que iria correr na Pareia com um cavalo do seu pai. Ele nasceu em São Pedro e seus pais, Carmen Gonçalves da Rosa Amorim e Sebastião Luiz da Silva Amorim, também são da comunidade. Manoel, nascido em 1988, tinha então 21 anos, cresceu ali onde completou o ensino fundamental, morava em Cuiabá há um ano para terminar o ensino médio.

Os envolvidos no assassinato também nasceram e cresceram na comunidade, são eles: Isaias Pereira da Silva, filho de Gonçalo Pereira da Silva e Roselane Oliveira da Silva, Divino José da Silva Oliveira, filho de José Francisco de Oliveira e Maria Paulina da Silva, Evailson Moraes da Silva, filho de Walmir Pereira da Silva e Josineth Pereira da Silva e Bras Alves da Silva, filho de João Alves da Silva e Francisca Caldas da Silva.³

A família de Manoel não traz o sobrenome Silva que é o sobrenome dos fundadores da comunidade (os três irmãos da família Silva, Antônio, Benedito e Pedro), já a família daqueles que respondem judicialmente pelo assassinato traz o peso desta ancestralidade. A família, neste universo, é um valor social central na organização da economia e na distribuição dos espaços de cultivo, sendo a terra entendida como uma dádiva que permite a reprodução da família, tanto do ponto de vista econômico como cultural. São essas caracte-

terísticas que fundamentam o processo de territorialização e o modo de vida camponês. Sua reprodução cultural enquanto grupo se dá pela oralidade onde os mais velhos são os guardiões da memória.

2. A ENTREVISTA QUE NÃO TERMINOU

Chegamos à comunidade de São Pedro de Joselândia, uma equipe da Universidade Federal de Mato Grosso formada por duas estudantes (eu e uma aluna da graduação em Ciências Econômicas), o professor Carlos Castro e dois agrônomos da Empresa Matogrossense de Pesquisa Assistência e Extensão Rural. O objetivo daquela viagem era aproveitar a oportunidade do evento, a Pareia Pantaneira, para a minha inserção no *lócus*.

Naquela noite, fomos ao local onde ocorreria as corridas da Pareia no dia seguinte e estava acontecendo o baile. Foi quando conheci Manoel Gonçalo e ele me contou que, em Cuiabá, trabalhava em um clube de jôquei e queria se profissionalizar como jôquei. Em entrevista com um familiar que reside em Cuiabá e não autorizou a divulgação de seu nome neste trabalho⁴, confirmei a informação sobre o trabalho de Manoel:

Andhressa: Ele contou que iria correr profissionalmente, é verdade?

Familiar: É, ele ainda não tinha corrido valendo muito dinheiro, ele ia pra São Paulo quando voltasse do sítio, mas aí aconteceu né.

Andhressa: Ah é?

Familiar: Sim, foi o que me disseram.

Andhressa: Ele gostava de correr né?

Familiar: Ah sim... desde pequeno, ia pra escola, depois sempre corria com os meninos lá.

3 Trago aqui os nomes que constam no processo criminal nº 112/2009. Disponível para consulta em: <http://servicos.tjmt.jus.br/processos/comarcas/dadosProcesso.aspx>

4 Ambas as famílias foram procuradas, a família da vítima se recusou a dar entrevista sobre o assunto, apenas um familiar conversou comigo e não autorizou a divulgação de seu nome e só pude usar as informações que não iriam comprometer ou revelar sua identidade. A família dos denunciados pelo Ministério Público também se recusaram a falar, pois ainda não houve julgamento do crime o que deve ocorrer em 2014. Os nomes que constam aqui estão no processo criminal que, por se tratar de documento público, foram inseridos no trabalho.

A referência sítio na fala marca uma alteridade em relação à comunidade, diferente da noção de pertencimento, o que remete a uma liminaridade (não somente por isso, mas também por outras características que vou trabalhar mais a frente). A fala, tanto do familiar quanto de Manoel, localiza Manoel em uma fase liminar. De acordo com Turner (1974) liminaridade, ou fase liminar é a fase intermediária entre o distanciamento e a reaproximação. Por exemplo, nos rituais de passagem ocorre um distanciamento do indivíduo da sua estrutura social e, depois, um retorno, com novo status. E Turner vai além, esta distância adquirida durante a liminaridade, a qual Manoel Gonçalo se encontra ao “sair” da comunidade e ir para Cuiabá, permite que ele vislumbre as estruturas para além de limites fixos, é um afastamento que traz um conhecimento e revela a arbitrariedade das convenções.

A Pareia Pantaneira é um evento, ele sai do cotidiano, e sendo uma interrupção na vida rotineira ela se constitui em rito para aquela comunidade. Os ritos, segundo Turner, dramatizam aquilo que está no cotidiano, mas de acordo com um campo simbólico que está para além de “manual cultural” (Turner, 1974). No momento da Pareia, as normas a serem seguidas dão lugar a uma realidade não regulada e potencialmente transformadora. Este é um estado de liminaridade que, para Turner compõe uma forma expressiva na qual os atos culturais assumem a potência transformadora, de atualização, mas também de reprodução.

Entrevistei outro rapaz em situação semelhante à de Manoel e que também saiu da comunidade e se mudou para Cuiabá. Essa configuração, a de jovens saírem da comunidade para o ambiente urbano, aparece durante o trabalho de campo como frequente:

Andhressa: vc nasceu lá em São Pedro?

Informante: sim, mas meus pais são de lá

Andhressa: mudou pra cá faz tempo?

Informante: direto eu vinha passar um tempo em Cuiabá, dai eu terminei meu estudo e me mudei de uma vez no fim de 2009

Andhressa: você pensa em voltar pra lá?

Informante: tipo lá eu sempre morei com meus pais e aqui moro sozinho, penso sim

Andhressa: você não poderia morar sozinho lá?

Informante: direto vou la passear, poderia sim mas minha família ficava insistindo pra mora com eles e mesmo se insistisse eu não moraria⁵

Assim como o informante, Manoel sai da comunidade e, portanto, ele “rompe” com a reprodução social da família a partir do trabalho com a terra o que implica no fato de que ele ao invés de se manter na terra onde sua família tira seu sustento, vai para Cuiabá em busca de novas possibilidades. Apesar deste aparente rompimento no sentido econômico, ele não rompe totalmente no sentido de pertencer à comunidade, pois nos momentos das festividades ele retorna e participa daqueles ritos onde os valores e as visões de mundo pertencentes ao grupo são reafirmados.⁶

Mas há certo distanciamento e nesse sentido o conceito de liminaridade, em Victor Turner, nos auxilia na identificação de processos ou pessoas que não estariam dentro das normas morais de uma dada comunidade cultural, mas também não estão fora e as classifica como no limiar desta comunidade. Este caráter liminar que Manoel, assim como o informante relatam, permite a abertura a novos mundos a aqueles agentes sociais e a sua reinvenção, sua recriação. O momento da efervescência do evento da Pareia é também um rito, momento liminar onde os valores morais são suspensos e onde o fraco pode desafiar o forte em uma corrida, mas também é onde os espaços já são pré-definidos, ou norteados, pelas relações sociais anteriormente e historicamente estabelecidas, ou seja, por disposições

5 A conversa aconteceu pela internet, utilizando a rede social Facebook.

6 A respeito da migração, Woortman (1990) aponta que os camponeses não se constituem somente como produtores de alimento, mas também como migrantes e esta migração não inviabiliza sua existência, ela constitui uma estratégia, integrante de sua própria reprodução.

duráveis, pelo *habitus*, segundo proposto por Bourdieu (1996, 2007).

A respeito do comportamento do jovem, Zygmunt Bauman (2003), aponta um movimento juvenil contemporâneo dentro de transformações em todos os âmbitos da vida humana, eles são sujeitos que buscam espaços de manifestações de desejos e essa busca é o que dá início aos novos processos de identificações. Manoel se coloca, então na liminaridade de dois processos culturais: aquele de São Pedro de Joselândia, onde nasceu e cresceu, e aquele do qual se insere na sociedade capitalista enquanto jóquei. Na comunidade ele é um “filho da terra”, mas que não participa do cotidiano e para aquele outro meio ele é rapaz que saiu da ruralidade e foi para a urbanidade.

Naquele dia, antes de morrer, Manoel contou algumas de suas experiências como jóquei e de seus colegas que se submetem a uma rotina exaustiva de treinos e uso de medicamentos para reduzir o peso:

Lá é profissional, tem que treinar muito pra correr, e quando você se acerta com um cavalo, ele te acompanha pro resto da vida. Mas é profissional, não é brincadeira, tem juiz, tem treinador, semana que vem eu vou pra Barretos correr, aí não posso nem beber mais. Amanhã aqui a corrida vai ser boa, trouxe uma injeção pro cavalo que faz o bicho correr que só. (Manoel Gonçalves).

A fala de Manoel aponta a potencialidade do indivíduo em fase liminar em causar “ranhuras” na estrutura. São essas fissuras, ranhuras que permitem o diálogo com a complexidade daquele universo, pois é diante da possibilidade de ameaça à coesão social que os arranjos são revelados e as estratégias de reprodução do modo de vida e desta coesão se revelam. Manoel, ainda contou que iria aproveitar o momento em que o cavalo ficava escondido, para aplicar a injeção de cafeína, prática que ele afirmou ser comum nas corridas “profissionais”. Em sua fala era recorrente a valorização em uma positividade do que

seria “profissional” e não apenas “uma brincadeira”, trazendo elementos que caracterizariam uma corrida “profissional”, o que incluía ao jóquei perder peso, pois quanto mais leve o jóquei maior a velocidade que o cavalo pode atingir. Manoel estava em uma fase liminar do que seria ser “um jóquei profissional” e ser profissional era saber lidar com a trapaça, e o que seria ser um jóquei na Pareia Pantaneira. Naquele dia, pouco antes do assassinato, já estava ficando tarde e a equipe de pesquisa estava cansada, nos despedimos de Manoel perto das 22 horas e combinamos que no dia seguinte, antes de correr, ele daria outra entrevista, o local seria ali mesmo, logo pela manhã. Ele falou que ficaria mais um pouco, para aproveitar o baile porque seria sua última festa antes de viajar para outro Estado e ficaria períodos sem poder sair à noite para se divertir.

3. AQUELE QUE DIZEM QUE MATOU

Na manhã seguinte, ainda no local onde estávamos alojados, recebi a notícia de que tinha ocorrido um assassinato na noite anterior. De imediato não sabia que se tratava de Manoel, foi só quando o dono da casa onde estávamos falou que “*tinham matado o Nego, filho do Ticó*”. Fomos até o local onde aconteceria a Pareia e todos estavam muito comovidos, a comissão organizadora decidiu não colocar música e nem mesmo o locutor que narrava às corridas utilizou o microfone. Procurei indagar como teria acontecido aquela fatalidade e o que ouvi é que teve uma confusão e mataram Manoel, as pessoas estavam chocadas e fomos embora naquele dia mesmo à tarde. As falas e as versões sobre o acontecimento foram aparecer nas próximas viagens.

Naquele ano a festa esvaziou e o trabalho de campo parecia perdido. Contudo, nos anos seguintes os relatos sobre o acontecimento foram tomando cada vez mais espaço nas anotações do caderno de campo. As primeiras versões trazem para o cenário do acontecimento outros agentes que não somente Manoel e seu assassino e os relatos deram conta que ele, seu irmão e seu pai teriam brigado

com outros quatro homens, também parentes entre si. Os trechos do diário de campo onde anotei, à época, o que os informantes traziam sobre o acontecimento, trazem uma primeira versão que me foi apresentada e a partir desse momento que o acontecimento começa ganhar mais espaço dentro das anotações:

Começamos a conversar sobre assuntos diversos relacionados às condições de saúde da comunidade até que o assunto foi o uso de drogas por parte dos jovens ali e não demorou para surgir o tema do assassinato que ocorreu no ano anterior. Os informantes deixaram claro que, para a comunidade de modo geral, a família do rapaz que morreu era mais responsável pelo incidente do que o próprio rapaz que matou, eles se referiam a ela como os provocadores. “Mataram o mais calmo, ele nem era tão briguento como os outros da família”, disse o morador. Eu já tinha escutado isso antes de outros moradores. A família da vítima é apresentada como a maior responsável. A versão era de que a irmã se queixou aos irmãos e ao pai de que alguém a tocou nas partes íntimas enquanto dançava e que os irmãos deveriam “defender sua honra ou ela iria usar as calças deles e eles usarem sua saia”, segundo um membro da comunidade. Assim, teve início a briga, a princípio no salão e depois o rapaz que matou “Nêgo” teria buscado uma faca em casa e o abordado enquanto ele ia ao encontro dos irmãos para impedi-los de continuar a briga. Para alguns moradores, “Nêgo” era o mais “calmo” da família e mesmo assim já teria tido algumas brigas com rapazes da comunidade quando frequentava a escola. Pelos discursos que me foram apresentados de forma espontânea, sem que eu interrogasse, é perceptível certa resistência da comunidade em admitir quem foi responsável pela morte. (Trecho do diário de campo, dia 4/9/2010)

Mesmo quando a entrevista não era sobre o assassinato, pois naquele momento buscava informações para outro recorte relacionado às relações de parentesco e depois para meu trabalho de conclusão da graduação

em Comunicação Social (habilitação em Jornalismo), as versões nas falas dos entrevistados se colocavam enquanto memória e mais, enquanto aprendizado. É por isso que o assassinato se coloca como acontecimento ao ser reinscrito pela oralidade:

Esse juiz de paz é que falta muito por aqui. Óia, já teve morte aqui, já teve. Foi o filho de Ticó. Eu não sei o que aconteceu, tem uns que dizem que é droga. Eu não tava lá, eu não vi, eu não sei. Ele tava indo pra casa, aí correram atrás. Nem foi ele que brigou, foi o outro, não sei quem, uma rapaziada porcaria, pegou na bunda da irmã dele. Aí ela foi dá parte pro papai, pro irmão, aí eles tem uma moda de brabo e aí saíram no jeito. A menina ao invés de apazigua, foi botá mais fogo, aí foi na hora da briga, uma confusão. Foi depois deste que diz que aconteceu a morte. (R.J.S.)

A questão da honra aparece na fala do informante ao relatar a sua versão, colocando o modo como uma mulher e como um homem devem agir: enquanto ao comportamento da mulher cabe a preservação da honra pela pureza de sangue estando diretamente relacionada à castidade, cabe ao homem honrar a família em atos de bravura e conquista. Aí vemos uma possível contradição: a irmã “vai dar parte” para os irmãos e o pai de que a sua honra estaria sendo violada e eles, ao enfrentarem aqueles que a teriam violado, segundo o julgamento do informante, não agiram bem. A partir da figura da irmã de Manoel, na fala do informante, abre-se a questões relacionadas à sexualidade e ao ser mulher naquele espaço⁷. Fernandes (2009) pontua que há um fio tênue entre a mulher “viver o amor firme” ou se “tornar falada”.

As jovens ao se perderem [ter relação sexual], afirmam ter ocorrido dentro de relacionamentos afetivos. Acrescentam que na ocasião estavam envolvidas emocionalmente e afetivamente com os companheiros, nomeando tal sentimento como amor.

7 O tema “Sexualidade em contextos afetivos de mulheres jovens pantaneiras” foi trabalhado na dissertação de mestrado da pesquisadora Mariel Maróstica Fernandes (2009). O trabalho foi fundamental para compreender o lugar da mulher na comunidade.

Experimentam o sexo com parceiros com quem já mantêm um relacionamento emocional e geralmente o intercuro sexual se dá em festas ou em passeios que o jovem casal se dispõe em lugares distantes. *Gri-fo nosso* (FERNANDES, 2009, Pg. 191 a 192) .

O desdobramento posterior ao da relação sexual é o que vai levar a mulher a se tornar falada, quando o parceiro a abandona, ou a ter um amor firme, legitimando a relação perante o grupo. É nesse contexto que a figura da mulher, como é o caso da irmã de Manoel, se coloca e a irmã aciona esses valores ao desafiar os irmãos a “defender sua honra ou ela iria vestir sua calça”. O que se deu em sequência foi a briga entre as famílias e o assassinato. Outro relato culpabiliza o próprio Manoel e seu pai pela sua morte:

Aquele menino que morreu, não foi que morreu, ele se suicidou e a culpa é do pai. O sujeito já tava pra ir embora e o pai dele foi de atrás tomar satisfação por bobobó de criança, se ele tivesse ido embora e dito “cê veio pra festa e não pra briga”. Mas aí ele falou “perai que eu vou lá em casa pegar meu revólver e venho”, aí cê me diz: quem que vai esperar? Aí ele [o pai] estragou a vida dele, do outro e ainda vai sair morte. Tá perigoso, ele fica dizendo que quer vingar o filho. Um amigo meu até falou “o senhor que não deixa ele risca meu filho que eu saio aqui a noite e vou amanhecer em Cuiabá, mas eu mato tudo” e é porque eles [família do menino que morreu] são tudo gangue, são motoqueiro, porque com essa estrada que ta aí passa tudo que é bom e tudo que é ruim. Aonde que você vai mexer com gangue, com menino que cheira a bolinha, a fumaça? Mexer é perder tempo, larga a mão. (E.R.S.)

Mas se cabe ao homem os atos de bravura para a manutenção da honra da família, por que quando Manoel enfrenta aqueles que violaram a honra da irmã, é ele, o pai e o irmão que são os culpados pela sua morte?

Segundo outra fala sobre o assassinato na Pareia Pantaneira, o informante conta que:

Mas aquilo foi independente de corrida, foi uma rixa que eles já tinham há muito tempo. Esse menino que dizem que matou nem morava mais aqui, tava morando em Cuiabá. Jovem aqui termina o ensino médio e começa a sair em busca de trabalho, emprego. Sempre que eles se viam, eles brigavam, aí chegou nesse dia foi o que aconteceu. A turma ficou chocada, matar outro com faca ali, aí acontece que foi chocante porque aqui todo mundo se conhece, aí acontece uma barbaridade dessa com gente daqui, se fosse pelo menos alguém de fora. O pai do que morreu é o Ticó, ele tá de guarda lá na escola, mas do outro foi todo mundo embora. Antes de morrer ele tava dançando, trouxe uma menina lá de Cuiabá. Ele era bonzinho, legal ele, mas ele gostava da bagunça, fora da bebida ele era bonzinho, mas o irmão dele que era o problema. O que aconteceu, a bagunça foi por causa do irmão dele, o Tião, ele foi trabalhar no Sesc lá. Esse ano [ano que morreu] não sei, mas esse ano tá tendo muita droga, o que dizem que matou tava, no mínimo, drogado, porque pra fazer uma coisa dessas só drogado mesmo. (S.L.S.)

Volta aqui a questão dos jovens da comunidade para a cidade e este movimento migratório se dá no momento de mudanças dramáticas em seu modo de vida, então comunidade que o cercamento e privatização das terras altas, não alagáveis consideradas até então como área comum. Segundo Castro (2008), tal processo acontece quando as grandes propriedades, as áreas de preservação ambiental comprimem a comunidade e restringem os espaços das áreas cultiváveis, pois o regime das águas do Pantanal é o que torna o solo fértil e ainda determina áreas não alagáveis, onde o gado pode ficar no período das cheias e onde se pode plantar. As implicações disso para os camponeses e ribeirinhos são expressivas, pois o Pantanal se constitui “mais que um espaço geográfico, é um lugar, isto é, um território estabelecido entre as pessoas a partir dos vínculos sociais do parentesco”. (Castro, 2008) É neste contexto que a migração não representa a dissolução deste universo, mas sim uma estratégia de sobrevivência do grupo. Ao ir para

o ambiente urbano, Manoel vai trabalhar como jôquei, profissão que antes disso se constituiu como “vocação” no cenário de onde vem.

Após as primeiras falas sobre o acontecimento, questionei quem seria “aquele que dizem que matou” a resposta era de que ninguém tinha certeza, pois ninguém havia visto. Mas nas próprias narrativas, os agentes se colocam na perspectiva de quem estava lá e presenciou praticamente tudo que ocorreu, menos “aquele que dizem que matou” Manoel Gonçalo.

Na descrição do processo criminal nº 112/2009, conta que:

Na denúncia o Ministério Público relatou que, no dia 05.09.2009, por volta das 23:00 horas, na localidade de São Pedro de Joselândia, zona rural do Município de Barão de Melgaço/MT, o denunciado Isaias Pereira da Silva, com auxílio dos denunciados Divino José da Silva Oliveira, Evailson Moraes da Silva e Braz Alves da Silva, agindo por motivos de somenos importância e fazendo uso de um canivete (auto de apreensão fl. 38), desferiu golpes contra a vítima Manoel Gonçalo de Amorim, causando-lhe as lesões que foram causa eficiente de sua a morte.

Aduziu o Parquet que, no dia indicado, naquela localidade, ocorria a “Festa do Cavalu Pantaneiro”, sendo que, após discussão entre o menor Max Júnior Ramos e familiares da vítima, os denunciados Isaias, Evailso e Divino tentaram intervir, gerando uma confusão maior ainda. Narrou que, no calor da discussão, Sebastião Luiz da Silva Amorim (pai da vítima), Manoel Gonçalo (vítima), Sebastião Manoel (irmão da vítima) e os denunciados, começaram a se agredir, com socos, pontapés e garrafadas. Ponderou que, após ser atingido por uma garrafa e perceber que estava sangrando, Isaias deixou o local, acompanhado dos demais denunciados, retornando, em seguida, portando uma arma de fogo (auto de fl. 66). Afirmou que o acusado Isaias disparou contra Manoel, assim como contra seu pai e seu irmão, porém a arma não funcionou. Segundo constou na peça acusatória, após a arma ter falhado, as vítimas empreenderam fuga, ocasião em que o denunciado Braz Alves da Silva, entregou ao corréu Isaias, um cani-

vete, o qual foi utilizado para ceifar a vida da vítima Manoel. Ressaltou que, de posse do canivete, o acusado Isaias, juntamente com o menor Max Júnior e com os denunciados Evailso e Divino correram atrás da vítima Manoel, de seu irmão e de seu pai. Na denúncia relatou-se que os acusados conseguiram alcançar apenas Manoel Gonçalo da Rosa Amorim, momento em que Evailso segurou a vítima Manoel para que Isaias a agredisse. A Promotora de Justiça acrescentou que Manoel conseguiu escapar dos denunciados, mas que, estes, no intuito de terminar o que haviam começado, continuaram a perseguí-lo, até que, em determinado momento, o acusado Divino indicou ao réu Isaias a sua localização, ocasião em que este último avançou contra ela desferindo os golpes que ocasionaram sua morte. (Trecho da página 3 do processo criminal nº 112/2009. Grifo da autora).

As informações que o processo traz são novas diante dos relatos da comunidade. Pela primeira vez vejo uma descrição pormenorizada do que aconteceu. Na instrução processual foram tomados depoimentos, alguns espontâneos, outros obrigatórios, nos quais os depoentes foram questionados e os fatos relatados confrontados ainda com as versões dos próprios acusados e reconstituição dos fatos com cada um dos acusados.

O trecho que destaquei no processo é o que até então não me havia chegado pelos relatos orais. Isso porque a memória é seletiva e as versões me eram contadas a partir dessas memórias que passaram pelo crivo daquela cultura, daqueles valores e que consolidaram o assassinato enquanto acontecimento.

Se, como descreve o processo, baseado no depoimento das testemunhas, e no último relato o informante conta que estava lá no momento da briga, todos viram quem era o rapaz que ameaçou Manoel e seu pai com um revólver e depois ele correr atrás com um canivete, como o informante que estava lá afirma: “aquele que dizem que matou” e não individualiza os responsáveis pelo assassino? É diante dessas inquietações que busquei compreender qual era aquele cenário.

4. CENÁRIO, EVENTO, *HABITUS* E PERFORMANCE

A comunidade de São Pedro de José-lândia compõe uma rede social que se sustenta nos laços de parentesco e de vizinhança, que se reafirmam por meio de casamentos e nas festividades e o pertencimento ao grupo está relacionado à aceitação da condição de camponês como ordem moral onde as categorias de “fraco e forte” estão colocadas, sendo que e na Pareia essas categorias estão ainda mais evidentes, pois o evento é essencialmente o ambiente de competição, de definição de espaços, onde aqueles agentes sociais dramatizam seu modo de vida.

A relação de drama social da qual Victor Turner trabalha e o “Estado teatro” que Geertz (1991) analisa em seu trabalho intitulado *Negara*, apontam para conceitos teóricos aqui utilizados. Quanto ao aspecto conceitual, Geertz (1991) busca uma variedade distinta de ordem política e fala de uma natureza expressiva da organização social enquanto teatro, ou seja, o lugar das formas expressivas no qual as cerimônias e espetáculos permitem compreender a ordem que é dramatizada, encenada, nessas ocasiões. De tal forma, é na Pareia Pantaneira que este teatro é encenado para demonstrar uma natureza da realidade que só é possível a partir de um padrão de conhecimento dos envolvidos que é compatível como a visão cosmológica. “Argumentos, melodias, fórmulas, mapas e retratos não são idealidades para serem pasmadas, mas sim textos para serem lidos, como são os rituais, palácios, tecnologias, formações sociais” (Geertz, 1991, p. 170). A frase é longa e importante, porém, nem sempre consegue manter a clareza. Começando com “De tal forma, e indo até conhecimento dos envolvidos, eu pergunto a quem se refere: é ao teatro? Talvez uma vírgula melhorasse. Vou colocá-la então em amarelo. Veja se melhora. Como é um argumento central ao artigo, vale buscar maior clareza.

A realidade teatral é tratada por Richard Schechner (2006) que a caracteriza como “não ordinária”, sendo, pois uma realida-

de em situações especiais, fora do cotidiano que exige determina ações físicas estabelecidas de certa maneira ou improvisadas de acordo com regras conhecidas. A performance segue um roteiro previamente conhecido e os acontecimentos se dão em espaços também especiais, são antes de mais nada momentos de ruptura no ciclo da vida. O que é performado é convertido em códigos os quais o grupo compreende, pois quem está performando aciona os códigos e valores locais e desse modo é possível a comunicação. O comportamento do performer não é livre, pois para que possa ser entendido e legitimado este comportamento deve “pertencer” ao grupo. Assim, o conceito de palco, para o autor não se limita a um espaço físico (como o palco do teatro), mas ele se amplia, absorvendo tempo/espaço/espectador/performer. A performance é construída de fragmentos que foram selecionados e mantidos dentro de um fluxo de ações. Assim, como Geertz (1991) e Turner (1974), Schechner (2006) coloca o mundo performativo diferente das formas do mundo cotidiano.

A Pareia Pantaneira, além de trazer elementos de dramatização e performance, se constitui em um momento de efervescência social, no sentido dado por Durkheim (1913 *apud* Weiss, 2013) em que as situações de efervescência:

Mas esse afluxo, em si mesmo, não possui nada de imaginário; ele é real. Esse aumento da vitalidade se traduz nos fatos pelas ações que inspira. O homem possui uma confiança, um ardor, um entusiasmo que ele não experimenta em tempos ordinários. As provações da existência encontram nele mais forças de resistência; ele é capaz de grandes coisas, o que prova por sua conduta. É essa influência dinâmogênica da religião que explica sua perenidade. (Durkheim 1913, Pg. 17 *apud* Weiss, 2013)

Se a comunidade é o cenário e nela estão os valores que dão coesão ao grupo, a Pareia é o evento e momento de efervescência desses valores, o assassinato aparece enquan-

to acontecimento, referendado na memória, mas deve ser entendido dentro deste contexto, não em uma relação causa e efeito, mas em sua significação simbólica, este campo simbólico que adentramos para desvelar o que as falas dos informantes nos trazem. Para tanto vamos tentar fazer uma análise paralela com a descrição cronológica que aparece no processo criminal, a fim de perceber a sequência cronológica desta dramatização que pode ser conectada com a ideia de valentia e honra:

1. Após uma discussão entre o pai, o irmão da vítima, o próprio Manoel Gonçalo (vítima) e os denunciados, começaram a se agredir com socos, pontapés e garrafadas.

2. Até que Isaias foi atingido por uma garrafa e ambas as famílias trocaram ameaças. Quem se feriu precisava demonstrar sua bravura e a família precisava defender sua honra que foi desafiada.

3. Isaias foi para a sua casa e voltou com uma arma de fogo. Na frente de todos da festa, que já haviam presenciado a briga e viram Isaias sair machucado, ele dispara contra Manoel, assim como contra seu pai e seu irmão, porém a arma não funciona e tensão fica ainda maior, o desafio se intensifica. Como a imagem de uma panela com água no fogo e ela começa a ferver, gradativamente. Essa imagem remete ainda à imagem do cavalo quando está sendo preparado para a corrida e é preciso estar com o “sangue quente”, essa dramatização do cavalo na baía traz também a ideia da água prestes a ferver, mas que só deve ferver no momento em que a porta da baía é aberta e eles saem em disparada. A sequência do assassinato tem também esses elementos do “sangue quente”, sendo que não foi possível, como se faz com os cavalos, “esfriar” a água e o sangue e se consuma tudo com a morte de Manoel Gonçalo.

4. A arma de fogo, entendo, foi uma performance de “valentia”. Nesse momento, um primo de Isaias entrega um canivete em suas mãos e outro rapaz segura Manoel. Isaias se vê com um canivete em mãos e coagido a demonstrar sua “valentia”, predicado importante neste universo, ele age como pessoa moral, mas ain-

da defendeu a si mesmo para provar à comunidade sua legitimidade enquanto desafiado.

Quando o informante nos conta que “aquilo foi independente de corrida, foi uma rixa que eles já tinham há muito tempo”, é porque no cotidiano essa efervescência não está presente, mas na Pareia sim, por ser o momento da disputa, do desafio. Ao justificar a morte, todas as justificativas que são postas pelos informantes dão conta da preocupação com o uso de drogas, e que “o que dizem que matou tava, no mínimo, drogado, porque pra fazer uma coisa dessas só drogado mesmo” e que “fora da bebida ele era legal”, falando no primeiro caso “daquele que dizem que matou” e no segundo de Manoel. O acontecimento se constitui, para aquela comunidade, como um aprendizado, algo que deve ser evitado, pois ele ganha o contexto do grupo e não é considerado algo envolvendo exclusivamente os indivíduos. A fala representa ainda a preocupação do grupo que também toma para si não a responsabilidade pelo fato, mas a responsabilidade em estabelecer estratégias a fim de evitar outro acontecimento como esse.

As relações familiares que fundamentam aquela organização social dão conta que no acontecimento não são os indivíduos que estão disputando, já que eles representam suas famílias, são “pessoas morais”. Assim como na Pareia Pantaneira não são os indivíduos que competem, mas sim estas pessoas morais que disputam, agonisticamente, definindo, opondo-se em fortes e fracos.

Essa ideia apresentada por Mauss e que vai ser adensada por Dumont (1993) traz a discussão sobre a concepção de indivíduo e pessoa. Enquanto a chamada sociedade moderna ocidental, da qual emerge o discurso apresentado no processo criminal, concebe a ideia de indivíduo como um ente independente, em uma escala anterior às relações sociais e culturais, a sociedade seria o meio onde esses indivíduos se organizam. É nessa lógica que são criadas as noções de igualdade e liberdade que se instituem como o modo legítimo que os indivíduos se realizam na sociedade moderna ocidental. Portanto, o indivíduo en-

quanto categoria analítica é uma figura tipificada na sociedade moderna ocidental. Contudo, em organizações sociais hierárquicas, como o sistema de castas estudado por Dumont (1993), a hierarquia está inserida em uma lógica na qual aparece a ideia de pessoa. Tal compreensão é o mote para o autor relativizar a noção de indivíduo entendida pela sociedade moderna como um valor e não como uma verdade universal.

As categorias indivíduo e pessoa aparecem quando vamos analisar esses diferentes discursos sobre o assassinato ocorrido na Pareia e podemos colocá-los sob duas óticas: a do Direito positivado, cujas normas jurídicas apresentam o indivíduo burocrático que é submetido às leis e aparece como criminoso, nesta ótica a culpa é individualizada a cada um dos agentes; a segunda está relacionada à dicotomia honra/desonra que caracteriza aquele universo pesquisado e no caso da desonra à família não há o crime, como demonstram as falas. Há sim “*aquela que dizem que matou*”. Cada uma dessas óticas apresenta um tipo de agente: na primeira é a noção de indivíduo, na segunda é a de pessoa e; nesse caso, pessoa representa a família, as hierarquias, é a “pessoa moral”. A respeito da sugestão coletiva da ideia de morte, Marcel Mauss (2005) afirma que:

Essas tendências totais sobre as consciências individuais, engendradas no grupo e pelo grupo, não são as únicas. As ideias então elaboradas se mantêm e se reproduzem no indivíduo sob esta pressão permanente do grupo, da educação, etc. Ao menor pretexto, elas desencadeiam fúrias ou superexcitam forças. (Mauss, 2005, pg. 1991).

Em uma sociedade na qual os espaços são definidos pela honra da família na qual se coloca a oposição “forte e fraco”, a força desta estrutura é o que embasa o modo como a memória se constitui. Aquele momento da Pareia é um momento de efervescência social. O desafio ali – como uma sociedade agnóstica – era sobre a masculinidade. Estes elementos podem ser pensados em termos das famílias,

mas temos que considerar aquele evento, a Pareia, como um momento extraordinário que o evento propicia, como na imagem da panela ao fogo com água fervendo, a pressão que pode fazer eclodir o acontecimento o que no cotidiano poderia tomar outro rumo.

Ao relatar os fatos, aqueles agentes sociais trazem suas versões de acordo com os valores dos com os quais operam para lidar com o mundo. Assim, é a força do *habitus* que está impregnada no discurso sobre o assassinato, é esse “sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações”. (Bourdieu 2005). A instância de produção cultural traz referências de identidade nas quais coexistem os *habitus* individuais e valores culturais. Nessa perspectiva, o conceito de *habitus* permite pensar o conjunto de relações e estratégias nas quais as ações são ordenadas, como disposição que norteia a prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar sobre o objeto de pesquisa é também pensar sobre a figura do pesquisador. Deixando de lado a ideia de estabelecer limites, a pesquisa antropológica me permitiu pensar nas conexões possíveis entre o meu universo, a minha experiência biográfica e o que aquele outro, a comunidade de São Pedro de Joselândia, me apresentava. Os “estranhamentos”, antes de qualquer coisa, foram pontes para adentrar outro campo de significados e significações que não eram aqueles que construí na minha trajetória de vida.

Em um primeiro momento, o universo rural campesino, mais especificamente, o lócus de pesquisa, não parecia ser tão distante da minha realidade cultural. O fato de falarmos a mesma língua, o português, usarmos roupas parecidas e termos uma alimentação semelhante, como lembra Woortman (1990) e Brandão (1981), dava a impressão de uma proximidade tamanha em que as diferenças não seriam visíveis. Talvez assim perma-

necesse por mais tempo, até que o assassinato de Manoel Gonçalo Amorim desencadeou uma série de situações as quais não encontravam conexões com meu universo e outras em que as conexões pareciam até muito familiares e era preciso “estranhá-las” a fim de buscar compreender um pouco da lógica na qual aqueles agentes sociais operam para atribuir sentido às suas experiências.

Experiências que irrompem em tempos e espaços liminares podem ser fundantes. Dramas sociais propiciam experiências primárias. Fenômenos suprimidos vêm à superfície. Elementos residuais da história articulam-se ao presente. Abrem-se possibilidades de comunicação com estratos inferiores, mais fundos e amplos da vida social. (DAWSEY, Pg. 165, 2005)

O assassinato institui novas preocupações para a comunidade, ele modifica o evento da Pareia Pantaneira e também a pesquisadora. O método etnográfico configura uma “ética de interação, de intervenção e de participação construída sobre a premissa da relativização, onde os temas da interpretação e da crise da identidade pessoal do antropólogo despontam como centrais”. (ROCHA e ECKERT, 1998).

A investigação tem início a partir do meu estranhamento às interpretações e julgamentos daqueles agentes sociais sobre o assassinato. As leituras dos trabalhos realizados junto ao Núcleo de Estudos Rurais por outros pesquisadores e também das teorias apresentadas durante a graduação em Ciências Sociais fundamentaram os instrumentos para constituir as ferramentas de análise, em especial a disciplina intitulada “Antropologia das Formas Expressivas”, ministrada pela professora Patrícia Osório, que posso dizer ter sido fundamental para a conclusão desta etapa de amadurecimento da pesquisa. Nesse sentido, foi possível referenciar a comunidade de São Pedro de Joselândia como campesina e compreender a importância das relações de parentesco na organização social. A terra, para os joselandenses, é um valor que possibilita a reprodução da família, econômica e culturalmente, assim terra é uma dádiva para essas po-

pulações e não mercadoria. Os processos de territorialização passam pela ordem familiar, pelas hierarquias onde os espaços sociais são definidos por valores como a honra.

Portanto, ao interpretar o assassinato, os agentes trazem a ótica à qual estão inseridos. Assim como eu, enquanto pesquisadora trazia a “minha ótica”, permeada pelos meus valores, era preciso relativizá-los para localizar de onde vinham aquelas falas. Nesse esforço ainda foi possível desvelar as formas expressivas daquele modo de vida a partir da observação da Pareia Pantaneira onde a honra, a valentia e o desafio são fundamentos do mundo masculino, definindo espaços e modos de sociabilidade.

Recebido em: 05/03/2015

Aprovado em: 04/05/2015

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Terras de Preto, Terras de Santo, Terras de índio: uso comum e conflito*. In: GODOI, Emília Pietrafesa; MENEZES, Marilda Aparecida e MARIN, Rosa Acevedo (Orgs.). *Diversidade do campesinato: expressões e categorias Estratégias de reprodução social volume 2*. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009. pg 39.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BARBOZA, Andhressa H S. *Aquele que dizem que matou: o acontecimento, o estranhamento e o desvelar dos espaços sociais de uma comunidade pantaneira*. Monografia, Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Graduação em Ciências Sociais, Cuiabá, 2014.

BRANDÃO, H. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Unicamp, 1993.

BRANDÃO, Carlos R. *Plantar, colher, comer*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

BENJAMIN, Walter. *O narrador*. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In:

- _____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In AMADO, J; FERREIRA, M. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- _____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papius, 1997.
- _____. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- _____. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- CASTRO, Sueli P. e CASTRO, Carlos Alberto. *Relatório de Pesquisa Terra e Trabalho no Pantanal Norte do Brasil*. Cuiabá, 2006.
- CASTRO, Sueli Pereira. *A Festa Santa na Terra da Parentalha: Festeiros, Herdeiros, Parentes*. Sessmaria na Baixada Cuiabana Mato-grossense. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Pós Graduação em Antropologia Social. Universidade de São Paulo, 2001.
- _____. *Projeto de Pesquisa: Modos de vida: ribeirinhos e camponeses do Pantanal Norte Mato-grossense*. Relatório Técnico Científico Pós-Doutoramento Júnior. Universidade de Brasília (UNB), 2008.
- COMERFORD, John. *Como uma família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2003.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- DAWSEY, John. *Victor Turner e antropologia da experiência*. Cadernos de campo, nº 13, pg. 163-176, 2005.
- DURKHEIM, Emile. *Le probleme religieux et la dualite de la nature humaine*. Bulletin de la Societe Francaise de Philosophie, 1913. *Apud* WEISS, Raquel Andrade Weiss. Efervescência, dinamogenia e a ontogênese social do sagrado. *Mana* vol.19 nº 1 Rio de Janeiro Apr. 2013. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132013000100006>>
- _____. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Nacional, 2001
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol.I. São Paulo, Ed. 34. 1995.
- DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da sociedade moderna*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- FERNANDES, Mariel Maróstica. *A sexualidade em contextos afetivos de mulheres jovens pantaneiras*. Dissertação de mestrado, Cuiabá: Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal de Mato Grosso, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)*. 2ª ed. Tradução: Andréa Daher; consultoria Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- GEERTZ, Clifford. *Negara: O Estado Teatro no Século XIX*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1991.
- _____. *Um Jogo Absorvente: Notas Sobre a Briga de Galos Balinesa*. In: A Interpretação das Culturas. JTC, 1989.
- _____. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis. RJ: Vozes, 2007.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- ROHDEN, Fabíola. *Para que serve o conceito de honra, ainda hoje?*. In: Campo Revista de Antropologia Social. V.7, nº 2, 2006. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/view/7436>>
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da & ECKERT, Cornelia. *A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica*. *Rev. Antropol.* vol.41 n.2 São Paulo, 1998. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77011998000200004>>
- SCHECHNER, Richard. *O que é performance? In: Performance studies: an introduction, second edition*. New York & London: Routledge, 2006, pg. 28-51.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. Quinta edição. São Paulo: HUCITEC, 1997.

TURNER, Victor W. *O processo ritual*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1974.

WOORTMANN, Ellen. *O saber camponês: práticas ecológicas tradicionais e inovações*. In: *Diversidade do campesinato: expressões e categorias, v.2: estratégias de reprodução social*. Emilia Pietrafesa de Godoi, Marilda Aparecida de Menezes, Rosa Acevedo Marin (orgs.) – São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF : Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

WOORTMANN, Klass. *Com parente não se negueia: o campesinato como ordem moral*. Anuário Antropológico/87. Brasília: UNB/Tempo Brasileiro. 1990.